

Como aparelho ideológico do Estado e com a potencialidade implícita de propor projetos de transformação social, a Universidade concentra a vigilância contínua das elites dominantes que se utilizam de todos os recursos para a distorção de suas funções. Desde a manipulação das injunções políticas para a manutenção de uma estrutura administrativa maleável e colaboracionista, ao controle ideológico do seu corpo docente e discente, até a veiculação do aparelho repressivo do Estado ou a assimilação de seus esquemas para assegurar-se as condições de funcionamento do aparelho ideológico. A intervenção do poder público e a segurança nacional se legitimam como conceitos ligados à vida universitária, destituindo-a de sua autonomia e incorporando-lhe os mecanismos próprios do aparelho repressivo do Estado. Ainda estão recentes na memória, e não há que esquecer-los, os fatos vergonhosos que obscureceram nossa história e a história da Universidade Brasileira, com a conivência e a participação de amplos setores universitários e que culminaram em processos sumários, demissões e aposentadorias arbitrárias através de atos de exceção, humilhações a cientistas e técnicos da mais alta capacitação universitária e da mais inatacável responsabilidade, desde o silenciamento até a simples e direta violência física. Quem de nós ignora o desgaste que representou para a Universidade Brasileira, desgaste proporcional ao valor de seu corpo docente e à independência de seu corpo discente, o processo de degradação que marchou impune sobre a intelectualidade brasileira, parte submetida pela força e parte acumpliciada pela omissão e conivência, na tentativa de integrar a Universidade dentro de "correntes suicidas que a destruiriam se vingassem e se viessem a de finir nossos padrões de ensino superior."? E que instituíram dentro da Universidade a prática da suspeição, do policialismo e da delação, incentivando a bajulação, a atemorização e a indignidade? E cujos resíduos inaceitáveis e estranhos ao ambiente universitário persistem nos órgãos de segurança interna das universidades, em regimentos e códigos disciplinares, espantalhos desmascarados de uma prática indigna, corifeus de uma situação que se pretende superada. Não há que esquecer, ainda que pouco sejamos ouvidos ou por humilde e circunstancial que seja a nossa contribuição, não há que esquecer! Para que possamos assegurar nossa posição face às circunstâncias que o presente já avalia e que a posteridade certa e implacavelmente julgará. Quando mais não seja, para lembrar aos companheiros que ficam a continuidade das armadilhas e dos embustes, dos artifícios que são usados para a desmemória e a alienação, para conservar o ensino superior nos estreitos limites que lhe impõem os interesses econômicos, sociais e políticos do poder, para mantê-los ignorantes dos reais dilemas que pesam sobre a nação e a sua juventude. Não há que esquecer!